

O futuro da igreja depende da missão e não da manutenção

O Arcebispo de Chicago Blase Cupich entende que a igreja está mudando e diz que os católicos precisam discernir fielmente como avançar juntos. Disse em uma entrevista a U.s. Catholic

Nenhum católico quer ver as paróquias e as escolas próximas fechadas. É triste ver que a escola católica que você frequentou está ensinando sua última turma de estudantes, ou que a paróquia onde batizou seus filhos está se fundindo com outra paróquia e que os edifícios da igreja estão sendo vendidos e se tornando outra coisa, afirmou o arcebispo de Chicago Blase Cupich.

Mas ele também quer desafiar os católicos a pensar sua igreja em termos da missão de Cristo - e não simplesmente mantê-la como algo pessoal e exclusivo. Este ano, a arquidiocese de Chicago lançou a campanha Renew My Church (renovar a minha Igreja) sob a orientação de Cupich, uma campanha para que os Católicos de Chicago possam discernir juntos o futuro da igreja. "Uma árvore precisa ter o solo à sua volta enriquecido, mas você também tem que podá-lo às vezes para que o novo crescimento aconteça", diz Cupich. "Isso é o que pretendemos, mas se nós mantivermos nossos olhos focalizados na missão além da manutenção, nós vamos alcançar pessoas além dos nossos muros."

Para Cupich, convocar os jovens para a missão da igreja é essencial para acertar. "Eles não estão interessados em manutenção", diz ele. "Eles investirão no futuro." E Cupich está investindo neles, não só convocando, mas também conscientizando para que saibam que sua presença é crucial para o futuro da igreja.

Uma iniciativa emocionante na Arquidiocese de Chicago é o programa Renew My Church. O que você espera alcançar?

Meu trabalho é revigorar nossas paróquias. É por isso que criamos o programa Renew My Church (renovar minha Igreja). Temos que reconhecermos que a igreja não é nossa; É de Cristo.

Isto está de acordo com o que o Papa Francisco disse na Exortação "Amoris laetitia": a alegria do amor na família. Ele está tentando reintroduzir um processo de discernimento na vida da igreja que envolve todos e de como Cristo quer conduzir a Sua igreja hoje.

É por isso que fizemos uma pesquisa com os católicos na diocese e, felizmente, em quatro semanas, 37 mil pessoas responderam. Estamos envolvendo nossas paróquias.

Nosso objetivo não é fechar paróquias ou fundi-las. Nosso objetivo é garantir que todas as paróquias sejam vibrantes, vitais e sustentáveis.

Minha pergunta é: "Como vamos realizar mudanças em uma região demográfica tão grande de uma maneira construtiva? Como vamos motivar a pessoas e fazer uso dos recursos disponíveis com prudência para tornar nossas paróquias remanescentes fortes e vitais? Essa é a chave. Renovar Minha Igreja não é principalmente sobre fechar os lugares ou mesclá-los para equilibrar o orçamento. Se fosse isso, eu poderia tomar uma decisão amanhã. Eu poderia olhar para a linha de fundo e como qualquer administrador enxugar as despesas e simplesmente se adaptar a realidade como se fosse uma recessão econômica, e eu não precisaria consultar ninguém.

Como você transmite aos católicos de Chicago que suas paróquias não são em última instância deles, mas de Cristo?

Eu colo diante deles o desafio de retomar a missão. A paróquia não pode ser uma espécie de enclave social, uma fortaleza pela qual nos reunimos e nos preocupamos apenas com nós mesmos e ignoramos cegamente o que está a nossa volta no mundo de hoje.

Os questionamentos são: Como nossa paróquia exerce a missão de Cristo? A missão de Cristo está acontecendo por meio da educação, da evangelização, do recrutamento vocacional, da boa administração?

Gostaria de perguntar: "Você está mais preocupado com a manutenção - isto é, mantendo o que tem ou com a missão?" Essa é uma pergunta difícil porque não pedimos o suficiente. Acho que, a longo prazo, as pessoas vão responder a isso, especialmente os jovens, porque eles não estão interessados em manutenção.

O que você acha da exortação do Papa Francisco motivando o discernimento pessoal presente em seus documentos e homilias?

Eu quero ter certeza de que as pessoas entendam, em primeiro lugar, que o discernimento não é a solução dos problemas, e não é o diagnóstico. O diagnóstico tem um antes, um depois, e assim por diante.

Discernimento significa que aceitamos que estamos todos em uma caminhada. Para onde Cristo está nos levando nesta caminhada? Precisamos continuar adiante, e isso é muito importante.

O Papa Francisco usou a palavra sínodo ou sinodalidade. Ele fala sobre estar no caminho juntos. Minha esperança seria que as pessoas entendam sua vida em termos de uma grande caminhada. O Evangelho de Lucas indica a que a vida é uma caminhada. Para Lucas, não há nada mais pernicioso do que aceitar a vida nesta natureza humana como algo permanente. É por isso que ele conta a história sobre o

homem rico e o mendigo, Lázaro, ou sobre o homem que derruba seus celeiros só para construir os maiores. Ambos os ricos sentem que sua vida alcançou seu objetivo e que basta desfrutar.

Há alguns católicos hoje que se sentem como se estivessem alcançado este objetivo, e podem descansar e aproveitar o resultado. Achem que são bons católicos porque obedecem às "regras" e frequentam as missas. Não há um sentimento de um caminhar juntos ou crescimento em relação à sua fé católica ou sobre sua vida. Essa é uma espiritualidade empobrecida.

Nós temos que ajudar as pessoas a começarem a olhar suas vidas como uma caminhada em conjunto e contínua. É por isso que você tem que se aproximar das pessoas que estão em situações muito difíceis com seus casamentos, ou com sua própria vida pessoal para deixá-los ver que a graça de Deus está se movendo para para que não fiquem parados e continuem a caminhada. Isso é muito importante.

É por isso que o Santo Padre observou que quando se trata de pessoas que estão em situações de casamento "irregulares" que não estão de acordo com o ensino ou a lei da igreja, não devemos julgá-las automaticamente. Nós não sabemos qual a culpa subjetiva. E mesmo se são objetiva e subjetivamente culpados de quebrar o mandamento de Deus, enquanto eles estão vivos, eles ainda estão na caminhada. A graça de Deus pode tocá-los, curá-los e transformá-los. A graça pode tocar os corações dos pecadores e trazê-los à conversão. Há sempre esperança na caminhada, e é por isso que a igreja deve caminhar com todos, não importa qual seja sua condição ou situação objetiva.

Estamos todos em uma jornada, e a graça de Deus pode atuar em nossas vidas. Há também pessoas que se consideram estar em estado de graça porque sentem que estão numa situação objetivamente "correta". Mas as forças corrosivas do mal podem corroer suas almas e o que parece ser perfeito poder se traduzir em atitudes de intolerância, ganância e arrogância que causa dano a caminhada como Igreja. Devemos caminhar juntos com essas pessoas também e não separar em grupos, tendo sempre como sustento a palavra desafiadora do evangelho.

Enquanto estamos neste mundo, ninguém tem a salvação já conquistada. É por isso que São Paulo diz que somos salvos "na esperança". É por isso que o Concílio de Trento disse que ninguém nesta vida pode ter certeza absoluta sobre sua salvação. Estamos em uma jornada, e precisamos caminhar humildemente e regularmente exercitar discernimento honesto. É por isso que Jesus nos diz para não julgar os outros e diz que a "medida com a qual medimos os outros será a medida em que seremos julgados".

Você reconheceu que a violência é um dos maiores desafios em Chicago hoje. Como a arquidiocese está respondendo para ajudar as pessoas afetadas pela violência a experimentar a graça de Deus?

A Igreja precisa ser, como disse o Papa Francisco, um hospital de campanha em que ajudamos as pessoas feridas em tudo o que necessitam.

Queremos nos posicionar para facilitar isso. Estamos fazendo isso de várias maneiras. Por exemplo, aqui em Chicago estamos envolvidos no programa de empregos com prefeito Rahm Emanuel. Nós cooperamos com a cidade através de nossas paróquias e escolas e organizações Católicas indicando locais onde os jovens no centro da cidade poderiam trabalhar. Pensamos que é muito importante dar aos jovens esperança e oportunidades. Em Illinois. Temos um excelente trabalho onde a cada 30 segundos alguém conta com Caridade Católica para ajudar. Estamos lá com programas de apoio à família, educação infantil e assistência à infância, alimentação, abrigo e aconselhamento.

Nosso sistema educacional católico também ajuda. Temos 79.500 crianças em escolas católicas em nossa arquidiocese. Muitos deles não são católicos. Nós os educamos porque isso faz parte da nossa missão.

Outra área em que estamos trabalhando agora é com líderes ecumênicos. Em junho, tive uma reunião com os líderes da Arquidiocese e nossas universidades, nossos serviços sociais e outras entidades, apenas para fazer um inventário do que estamos fazendo com relação à violência, como a estamos controlando. Logo estarei em condições de ir aos líderes ecumênicos e cívicos e dizer: "Vamos nos associar para refletir e participar de projetos conjuntos".

E a violência com armas?

Esta questão da violência armada é muito complexa. É complexo porque envolve a pobreza ao longo das gerações, o desemprego, as drogas, a disponibilidade de armas de fogo e armas que estão saturando alguns bairros e os jovens que se voltam para as gangues porque sentem que não têm outra opção porque não têm uma saudável vida familiar ou perspectivas para o futuro.

Minha preocupação é que as pessoas querem dar um passo atrás e não fazer nada sobre isso, porque parece estar desesperada. Não podemos fazer tudo, mas devemos fazer alguma coisa. Eu acho que se todos nós trabalharmos juntos para resgatar a ovelha perdida juntos podemos fazer algo significativo.

Estou pedindo à comunidade adulta para refletir sobre isso e abraçar o serviço. Se as pessoas pensam que a violência é problema de certos bairros, eles estão errados. Não vamos estar protegidos. Há muitas armas lá fora, nas mãos de pessoas que não deveriam tê-las. Precisamos ter leis mais firmes em relação as armas.

A igreja como um todo deveria estar falando mais sobre a violência armada?

Sim. É uma questão de vida, não é? Parece-me que é uma questão de vida ou morte no dia-a-dia em Chicago, onde houve mais de 2.000 tiroteios apenas no primeiro semestre deste ano e as pessoas estão morrendo nas ruas.

Se realmente vamos ser uma igreja que está falando em nome das famílias e da vida, devemos identificar isso como um problema, também.

Os mais pobres são seis vezes mais propensos a ser as vítimas ou os perpetradores da violência armada. Como lidar com isso? É complexo. Mas essas estatísticas também seriam paralelas ao número de pessoas que não têm uma educação adequada? Que não tem emprego, que sofrem de todos os tipos de doenças e não são tratados, que não têm cuidados de saúde adequados.

Acho que é muito importante refletir sobre isso, principalmente em relação aos imigrantes que são maltratados em nosso país.

Existe uma relação entre o cuidado pastoral e a ação social?

Oramos pelas pessoas, mas também arregaçamos as mangas e vamos até lá nos bairros.

Eu acho que há problemas sistêmicos na economia, questões sistêmicas na vida familiar e questões sistêmicas em nossos programas educacionais que precisam ser abordados porque há pessoas que estão sofrendo pela falta daquilo que deveriam estar lá no sistema para elas. Trata-se da educação infantil, da disponibilidade de cuidados de saúde, da disponibilidade de trabalho e da igualdade de renda.

Através da Cáritas Católica e outros programas, estamos fornecendo às pessoas um lugar seguro para seus filhos quando eles vão trabalhar. Estamos fornecendo educação através de nosso sistema escolar católico. Nossos hospitais fornecem mais cuidados aos moradores de rua do que qualquer outro hospital. A Cáritas Católica alcança com aconselhamento muitas famílias.

Temos centenas de padres, diáconos e inúmeros voluntários leigos servindo em cozinhas, organizando programas para jovens, ajudando as mulheres grávidas, acompanhando imigrantes, para citar apenas alguns exemplos. Estamos nas trincheiras.

O Papa Francisco diz que temos de encontrar pessoas, temos de conhecê-las, temos de caminhar com elas, temos de acompanhá-las. Mas também temos de integrá-las as nossas comunidades.

Não estamos focados em soluções temporárias. Temos programas que realmente ajudam as pessoas a entender que fazem parte da comunidade em geral. Há muitas pessoas que se sentem desprotegidas, que não se sentem como pertencendo à vida cívica.

A igreja tem que trabalhar para integrar as pessoas na vida da sociedade. Não é apenas uma questão de conhecer pessoas e andar com elas. Temos de tomar medidas ativamente para integrar as pessoas na economia, em ser realmente livre com opções de educação, cuidados de saúde e outros recursos.

Há pessoas que viveram em gerações de pobreza que não têm nada para deixar em herança, nada do que construíram e passaram sentem como valor para as gerações futuras. São tantos os que sofre deste vazio existencial que temos de nos certificar que estamos integramos as pessoas na sociedade para que elas possam construir uma vida de uma geração para outra.

Este ano, a arquidiocese desenvolveu um trabalho de acompanhamento personalizado as famílias. O que inspirou esta decisão?

Primeiro, eu venho de uma grande família. Eu tenho oito irmãos e irmãs. Eu tenho muitos sobrinhos e sobrinhas, e sobrinhos e sobrinhas. Eu sei que há tensões nos casamentos e famílias hoje que não houve antes. O nascimento de uma criança pode ser um momento particularmente desafiador para um casal, e eu acho que temos de apoiá-los.

Segundo, é o que a igreja ensina. Se nós realmente vamos ser pró-vida, então vamos ser pró-família e investir em famílias.

investir em algo além da manutenção. Vamos investir nas pessoas. Vamos investir em talentos e maneiras pelas quais as pessoas vão crescer.

Eu acho que isso vem no momento certo com Renew My Church, porque este programa é uma forma muito tangível de investir nas pessoas e nas famílias.